

Meditação sôbre o caminho de nossa igreja

(continuação)

Lindolfo Weingärtner

Estruturas

Reestruturação na IECLB: O têrmo, que a 3 ou 4 anos atrás costumava provocar discussões acaloradas nas conferências pastorais e nos concílios sinodais, como que desapareceu da agenda de nossas convenções. O objetivo parece alcançado. A igreja está reestruturada, o campo foi re-parcelado — pastor presidente, secretário geral, pastôres regionais e distritais velam pela boa ordem dos trabalhos, e moções, requerimentos e processos tramitam pelos canais competentes — com resguardo das instâncias, remessa de cópias para os respectivos arquivos etc. . . . — O dia a dia de nossa IECLB apresenta um aspecto um tanto prosaico, e numerosos itens, com os quais a administração lida quase diariamente, não tem que ver muito com pregação e evangelho, de forma imediata, mas antes com projetos, construções, orçamentos, aposentadoria dos pastôres, etc.

Podemos compreender aquêles que apontam o perigo de que a igreja possa ser transformada em uma imensa emprêsa, envolvida em atividades mil, uma "Marthakirche", preocupada por muitas coisas, que lhe tomam todo o tempo e que a tornam cega para a sua tarefa essencial. Mas é preciso sermos sóbrios e não "despejarmos o bebê junto com a água de banho". Julgo que são equivocados aquêles que menosprezam a importância da organização e da diaconia administrativa (com perdão pelo pleonasma) na igreja. A igreja não poderá cumprir a sua tarefa sem desenvolver formas estruturais e administrativas adequadas, que assegurem continuidade às iniciativas tomadas, que permitam um planejamento global, um entrosamento do trabalho no campo da pregação e do ensino, das obras educativas, assistenciais, etc. — enfim, que possibilitem coordenar a atividade de muitos indivíduos e grupos de indivíduos que se dispuseram a trabalhar na igreja

de Cristo. O amor pregado na igreja de Cristo é semelhante ao amor existente entre namorados: Se não tender ao casamento, ao preparo da casa que deverá abrigar a futura família, tal amor não passa de romantismo irrelevante. O amor precisa estruturar-se — em escala pequena e em escala grande. E dentro desta necessidade inevitável será preciso lidar com assuntos prosaicos, materiais, e freqüentemente até — mal cheirosos. O que importa é que as estruturas da casa fiquem funcionais, que fiquem “transparentes”, que não se tornem opacas. A pergunta é, se na IECLB já alcançamos a fase que permite uma avaliação da transparência ou da opacidade, ou da simples funcionalidade e racionalidade das estruturas administrativas, dos órgãos e dos cargos criados com a nova ordem de coisas.

O que se poderá afirmar, é que a centralização administrativa resultou em maior racionalidade do trabalho muitas vezes árduo e ingrato da administração eclesiástica. Uma secretaria geral, um arquivo central, que permite um processamento de dados, e um assessoramento das comunidades, baseado em informações fidedignas e atualizadas, uma correspondência mantida em dia, são necessidades tão evidentes que não necessitam de defesa. Ninguém de bom senso poderá contestar a necessidade de que se aplique recursos humanos e financeiros adequados para que um tal centro administrativo funcione satisfatoriamente. Também os que sofrem de ojeriza em relação à burocracia admitirão que, convenientemente dosada, ela é necessária e benéfica. (Talvez na igreja de Cristo não se deveria falar de burocracia, mas de burodiaconia, ou, ao menos, de burotaxia: buro-escrivadinha, taxia-ordem. Mas admito que o neologismo não soa lá muito bem...)

Se a modalidade da gestão administrativa (sobrecarga das reuniões do Conselho Diretor com assuntos, métodos de formar comissões que sobrecarregam um pequeno número de pessoas na área da Grande Pôrto Alegre, critérios seguidos na designação de colaboradores de tempo integral, etc.) corresponde ao optimum possível sob as condições prevaescentes, dificilmente alguém que não participou das reflexões e das decisões concretas poderá avaliar. Um serviço de informações mais freqüentes, mais precisas e menos secas — não só dirigido aos pastores — seria altamente benéfico para evitar uma repetição de erros do passado onde freqüentemente a falta de informação provocou mal-estar, desinteresse e letargia nas áreas mais afastadas das “capitais” sinodais. Além disso, uma informação, que não quer ser estrada de mão única, mas que conta com um feed back crítico, será uma necessidade crescente para qualquer diaconia administrativa. Os boletins informativos da IECLB e das regiões, o serviço informativo iniciado a título experimental, as notícias publicadas nas revistas eclesiásticas e o Órgão de Debates deverão desempenhar um papel sempre mais importante na orientação e na conscientização de nossas comunidades.

Dentro das reflexões sôbre as estruturas queremos focalizar aqui, de modo um pouco mais explícito, algumas dimensões e perspectivas dos cargos especificamente "pastorais" criados com a reestruturação da IECLB, isto é, os cargos de pastor presidente, de pastôres regionais e de pastôres distritais (as designações, que acentuam o caráter pastoral das funções sempre me pareceram levar franca vantagem frente a outras, mais pomposas). Subentendendo que, ao ressaltar as funções aludidas, não o queira fazer em prejuízo de uma igreja de leigos. É simplesmente uma questão de enfoque.

Uma primeira avaliação da subdivisão de funções e responsabilidades entre a direção central da igreja e a das regiões, dos distritos e das comunidades resp. paróquias parece evidenciar sem margem de dúvidas que a manutenção de órgãos intermediários entre a "cúpula" e os distritos foi uma providência acertada, não só por evitar uma centralização excessiva. A concepção de pastôres regionais, como sendo pastôres dos pastôres e dos presbíteros, com um mínimo de funções administrativas, em primeira linha quis fazer jus à necessidade premente de um ministério espiritual e poimênico para todos que exercem funções pastorais e de liderança nas comunidades. Este ministério, exercido em estreita ligação com o dos pastôres distritais, já trouxe os seus frutos e merece ser mantido e fortalecido na concepção original. Seria um desvirtuamento desta concepção, se os pastôres, respectivamente os diretórios, regionais passassem a entender-se como simples pavimentos na pirâmide administrativa da igreja, medindo a sua importância pela altura do orçamento de sua respectiva região. Os pastôres regionais deverão ser e permanecer os nossos "bispos itinerantes", assessôres dos seus irmãos pastôres e leigos, multiplicadores de idéias e de iniciativas novas, devem estabelecer e manter em funcionamento vasos comunicantes entre as comunidades de sua região, entre região e região e entre a região e a direção central da igreja. Outro desvirtuamento não seria menos prejudicial: a compreensão do cargo dos pastôres regionais como cargos primariamente representativos (presença ornamental em oportunidades festivas e em tôdas as reuniões e assembléias imagináveis). Os nossos "bispos itinerantes" deverão saber dizer "não", se fôr a bem de sua função primordial — e nossas comunidades deverão aprender a compreender a sua decisão.

O cargo do pastor presidente, além de ser um símbolo visível da unidade orgânico-histórica da IECLB, tem seu conteúdo definido pelas duas componentes "presidir" e "pastorear". Decisões administrativas e diretivas necessariamente são tomadas sob a presidência e a coordenação do pastor presidente. Isto representa uma relativa garantia humana contra um "regionalismo" ou bairrismo eclesiástico, e por princípio não implica necessariamente quaisquer tendências hierárquicas ou centralistas. (Se assim fôsse, a própria existência dos centros regionais representaria um cor-

retivo salutar). Este presidir e liderar continuará sendo um serviço necessário.

Mas o presidente da IECLB é, também, o primeiro pastor da sua igreja. A igreja espera por sua pregação — não só em ocasiões festivas e solenes. — Quem medita, convidando outros a participarem de suas reflexões, não dá conselhos gratuitos, nem faz de conta que esta tarefa não tenha sido sentida pelos irmãos que até hoje exerceram este cargo de maior responsabilidade de nossa igreja. Mas creio ser bom ressaltar que a função de pastorear para nosso pastor presidente nunca será menos importante do que a de presidir. — Como uma pessoa humana, cuja agenda prevê inúmeros compromissos ecumênicos, que o obrigam a fatigantes viagens ao exterior, poderá fazer jus à dimensão querigmática de seu cargo, não sei dizer. Talvez uma triagem mais rigorosa nos compromissos não essenciais — talvez o uso do rádio como veículo de uma mensagem regular (o centro áudio-visual em formação poderia organizar a gravação regular de um programa tipo “Voz do Pastor”, em sentido evangélico, que seria irradiado, talvez uma vez por mês, por nossas numerosas “horas evangélicas”!). As comunidades teriam, assim, um constante lembrete do fato de que as fronteiras de sua igreja — e da mensagem desta igreja — não coincidem com as divisas paroquiais. Entre outras cousas, os membros poderiam ser informados de antemão do planejamento e dos problemas gerais da igreja, o que poderia ter por resultado um engajamento maior, dando um conteúdo mais concreto à intercessão e aos apelos que visam ajuda material e empenho pessoal.

Os pastores distritais exercem uma das funções mais importantes na estrutura ministerial da IECLB. Nas conferências pastorais, nos concílios distritais, na organização de programas superparoquiais e através do contato com a realidade concreta das comunidades eles têm uma chance tremenda de incentivar o diálogo teológico e a troca de experiências na prática eclesial. O seu serviço, na situação prevalecente, em verdade está sendo seriamente tolhido pelas exigências dos dois cargos pelos quais respondem, já que todos também são responsáveis por uma paróquia. Mas talvez este handicap encerre a possibilidade de transformarmos uma dificuldade evidente em autêntica oportunidade: Na paróquia do pastor distrital poderia ser testado um modelo de cooperação interparoquial, que não teria exclusivamente caráter pragmático e que não precisaria necessariamente ficar restrito à comunidade do pastor distrital: Pastores colegas do distrito se prontificariam a prestar serviços específicos nas comunidades do pastor distrital — não só, realizando officios em caso de ausência do colega — mas, p. ex., colaborando em ciclos de palestras, conferências evangelísticas, semanas bíblicas etc. — Cada um desenvolveria o seu carisma específico para servir em uma comunidade que foi “prejudicada” pelo serviço de seu pároco em outras comunidades. De um tal intercâmbio, conscientemente planejado,

poderia resultar uma liberação de dons e habilidades, capaz de beneficiar a totalidade das comunidades implicadas, já que elas, por via de regra, se acham por demais fixadas em “seu” pastor.

Polarização entre piedosos e socialmente engajados

O desaparecimento das barreiras sinodais fêz com que idéias, concepções teológicas e modelos de trabalho comunitário hoje tenham curso mais livre entre as comunidades geograficamente distantes entre si. O estudante de teologia, que hoje vive na Faculdade, moldado pelo seu ambiente estudantil, amanhã poderá estar trabalhando em São Paulo — ou em Matelândia — sob condições totalmente diferentes. Um pastor ou um presbítero de N. Hamburgo ou Pelotas poderá realizar conferências em Florianópolis ou Joinville. A interação entre as comunidades tende a aumentar em intensidade com a fusão das duas (respectivamente três) revistas eclesiológicas, com o estabelecimento do centro áudio-visual em P. Alegre e com o lento aparecimento de literatura eclesiológica (teológica, catequética etc.) que será difundida em toda a área da IECLB. — Mesmo assim existe a possibilidade e o perigo de se formarem compartimentos estanque — mônadas sem janelas — que não mais comunicam entre si. Não levando em conta as diferenças históricas específicas, poderemos afirmar que se trata do mesmo fenômeno que abalou e ainda abala a quase totalidade das igrejas cristãs contemporâneas — não só as brasileiras. Principalmente nas áreas onde as mudanças sociais têm sido rápidas e incisivas e onde cristãos foram envolvidos pelo diálogo com o marxismo, a polarização entre grupos que querem um engajamento total do cristão no “processo histórico” e outros, que acentuam a dimensão espiritual do evangelho, com ênfase na conversão e na separação dos cristãos das coisas “dêste mundo” — se torna mais e mais acentuada. Na própria Faculdade de Teologia ficou evidente que esta polarização, ao menos temporariamente, é capaz de separar os ânimos. Embora recentemente tenham surgido indícios de uma abertura recíproca, o problema está longe de ser superado.

O que nos move aqui não é, em primeiro plano, um interesse pragmático na manutenção da paz e da união na igreja. Esta unanimidade quase que axiomática (ao menos na situação da igreja militante) pode ser um tanto problemática — o que já sabia o apóstolo Paulo (cf. I Cor. 11, 19). É mais o temor de que o evangelho possa ser desvirtuado e atrofiado — que nos compartimentos estanque o sal possa vir a ser insípido.

Quem tiver encontrado Cristo como centro da Escritura e da vida (e portanto também da história), aprenderá de seu próprio Senhor a agüentar as tensões entre uma vida norteada na fé, e a realidade histórica do homem. Esta tensão durará, enquanto êste mundo durar. Jesus não a evitou — êle, que bem poderia ter evitado o contato com Pôncio Pilatos e Herodes. Evitar tensões

e conflitos com as estruturas do poder desta terra, será evitar a cruz. Identificar a obra de Cristo com qualquer “processo histórico” social ou político, será o esvaziamento total do evangelho. Uma falsa identificação com o mundo destrói a própria identidade do cristão. Por outro lado, desinteressar-se pelos destinos do mundo — também os destinos políticos — será esquecer da universalidade da vontade salvífica de Deus.

Julgo que uma “teologia da revolução”, do gênero que vê nos cristãos uma espécie de procelárias, sempre presentes onde há barulho, envolvidos e engajados em toda a parte onde há mudanças sociais e políticas — não irá longe, por falta de combustível (ou de munição. . .). O seu quérigma se desgasta com uma incrível rapidez. O que ontem pareceu “novo” e “atual” — hoje já está terrivelmente antiquado. Até um cego vê que o evangelho de Cristo não é espuma nas ondas turbulentas da história, mas que é juízo e critério da história, que é oferta e salvação para o homem envolvido e escravizado pela sua própria história pessoal e pela história de toda a humanidade.

Por outro lado, qualquer agrupamento de homens piedosos que deixou de sentir as dores de um mundo convulsionado, que se limita a condenar este mundo e que não possui nenhuma sensibilidade social, nem sente responsabilidade pelos destinos políticos do mundo, está navegando em um barco que imperceptivelmente está fazendo água, mesmo que ainda esteja navegando por águas tranqüilas. Se a tempestade vier, o que é podre ficará manifesto. (Por estar falando em barco, em tempestade e em responsabilidade social: Creio que uma pericope bíblica, normalmente ignorada na prédica cristã, mas cuja exegese no contexto de nossa reflexão poderia ser de valor incalculável, será o cap. 27 de Atos dos Apóstolos. A atitude de Paulo como membro de uma sociedade “mista”, que navega no mesmo barco, a sua preocupação pelas decisões do comandante, pelo destino da tripulação e dos presos, e o mais importante — as fontes espirituais de sua atitude “política” dentro de uma sociedade que parece estar destinada ao naufrágio, me parece ser modelar para qualquer atuação política do cristão, hoje).

O que nos enche de esperança é que a Bíblia, em redor da qual, graças a Deus, os piedosos — ao menos os do âmbito do protestantismo — se agrupam, é um livro que intranqüiliza os tranqüilos e que irradia esta tensão que nós, carnis que somos, tantas vezes gostaríamos de evitar. Talvez tenhamos de imitar Christoph Blumhardt, que recomendava a seus companheiros a leitura combinada da Bíblia e de jornais. Se não conseguirmos interligar os documentos da fé com os que espelham a realidade de nosso tempo, suspeito que não estejamos lendo a Bíblia como ela quer ser lida.

O manifesto de Curitiba, concebido com o intuito de deixar transparecer a tensão entre os dois pólos mencionados, me parece ser um bom início. Mas — não terá sido um mero cartaz —

erguido em momento solene — apresentado até ao presidente da República — cartaz que agora nos está servindo de alibi — no País e no exterior? — Valha-nos Deus, se assim fôr!

Julgo que os cristãos, acossados pela desorientação espiritual reinante em nossa época, farão bem em manterem os olhos abertos e as antenas esticadas: Onde, no mundo, o sal realmente salga? Onde a luz de fato clareia o ambiente? (Fumaça não basta. A poluição é sempre um mal, mesmo se fôr piedosa, teológica ou político-ideológica). Onde o samaritano põe vinho e azeite nas feridas do homem que caiu entre os ladrões? Onde o atalaia previne a cidade da desgraça iminente?

Penso que a bússola daqueles, que hoje quiserem saber seriamente onde está o norte, está indicando numa direção clara (a tremer, naturalmente; bússola que não treme, está emperrada!), na luta e na situação concreta em que cada um se encontra — conquanto não se fixar num pólo, onde sabidamente nenhuma bússola merece confiança, por começar a dançar. A direção para nós, que nos dispusemos a viver no campo de tensão entre os pólos, não será o problema. O que importa é que caminhemos na direção em que a bússola aponta.

Perspectivas missionárias na IECLB

Não pretendo falar dos índios, em primeiro plano, embora não queira esconder minha alegria pelo sinal que foi erguido em Tenente Portela. Pena que o outro sinal, no Juruena, deixou de existir, ao menos em nossa consciência de membros da IECLB. Outro lembrete de que alguém que erige um sinal — igual ao homem que quis construir uma torre — não deva fazê-lo, sem avaliar as conseqüências. É uma questão de OIKONOMIA, e não só. Os “motivos de missão”, com toda a razão ressaltados por G. Vicedom, têm um papel de importância primária, em qualquer obra missionária. Talvez agora, que experimentamos na própria carne as dificuldades de um empreendimento como o do Juruena, estejamos mais sóbrios e autocríticos na avaliação de novas iniciativas semelhantes. Não pode haver mais dúvida alguma de que romantismo, idealismo, humanitarismo ou espírito aventureiro nunca serão substitutivos do único motivo de missão autêntico. O de trazermos o evangelho aos que não o conhecem.

O que em relação a nosso tema me parece importante constatar é que, na IECLB, nos encontramos em uma situação missionária explícita, tanto “para dentro” como “para fora”. O número de cristãos conscientes entre os 700.000, que se acham arrolados como membros de nossa igreja, é pequeno. Não deveremos fazer de conta que estejamos falando a massas de crentes, mesmo se nossas igrejas estiverem cheias. Cito as palavras de um leigo, ouvidas recentemente: “Nossas igrejas são frequentadas por grande número de pessoas que acham — e que eventualmente também

o dizem — que esta conversa sôbre Cristo é Quatsch”. — Nos centros industrializados, o êxodo dos membros formais já está em andamento, e a televisão se encarregará de, em breve, transportar os problemas das comunidades urbanas para o último recanto de nossa colônia. A enfermidade não pode ser enfrentada nem por uma terapia de sintomas, nem por meios que se inspiram em simples categorias de “manutenção do status quo” da comunidade. A missão entre descrentes batizados deve ser considerado um caso específico de missão. Neste particular, deveríamos estar abertos para os argumentos dos colegas americanos e também para um diálogo sério com a “União Cristã” (Gnadauer Gemeinschaft), que viram e enfrentaram a seu modo o problema muito antes da maioria de nós. A teologia de qualquer pregação missionária entre batizados (para evitar que seja “insulto ao batismo” — a expressão é de Lutero — ou insulto à verdade, ou a ambos) deveria merecer atenção crescente de nossa parte: Não precisamos começar no ponto zero, porque Deus já agiu na vida do homem que foi batizado, sob a esperança de que viesse a crer, mas que em realidade não veio a crer. Mas justamente por isso êle deve ser levado a voltar conscientemente ao ponto zero, lá onde Deus começou a agir para sua salvação e onde êle não correspondeu à ação de Deus. Qualquer falsa segurança batismal ou sacramental levará ao esvaziamento do batismo, e com isto ao abortamento da vida que batismo e pregação batismal são destinados a criar.

Já que nem todos possuem o carisma de pregar o evangelho aos descrentes, aos que duvidam e às “crianças em Cristo” (I Cor. 3, 1), os dons que, por definição, não faltam em nenhuma comunidade cristã, deveriam ser aproveitados onde se manifestam: Rodízio de conferências e prédicas evangelísticas por pastôres e membros qualificados — além do trabalho dos dois evangelistas especializados — preparo de leigos para o serviço da palavra, encorajamento da formação de grupos de reflexão, oração e estudo bíblico, incremento de um serviço de visitas, de orientação poimênica (seelsorgerlich) — e outras formas de demonstrar “fantasia para Deus” passarão a ser mais e mais uma necessidade e — queira Deus — uma realidade em nossas comunidades.

No terreno da evangelização — no sentido lato — deveremos aprender do passado — em dois sentidos: A palavra evangelizadora, que abre portas novas e que semeia em campo recém-lavrado, se manifesta através do carisma. Mas o carismático, em nossa era, por via de regra não será uma personalidade irresistível (como p. ex. Wesley e Whitefield), que leva as massas à conversão. Será um homem muito sóbrio, um comissionado especial de Cristo, que exercerá a sua função em interação com a de outros membros. Evangelista, pastor, leigos preparados — formarão grupos fraternais que canalizam as águas da “enxurrada” (Lutero) para que o campo possa ser irrigado de modo permanente. Onde isso não se der, uma evangelização não fará milagres.

Além da frente missionária “interna” indubitavelmente nós achamos confrontados com outra, “externa”, de muito maior amplitude. Observamos sinais cada dia mais evidentes de que o mundo cristão institucionalizado se acha em desintegração. A crise, que p. ex. está a sacudir a igreja católica, é de proporções ontem considerados inconcebíveis e deverá agravar-se mais e mais. Basta conferir o número de padres formados anualmente com o dos realmente necessitados. A proporção é de um a cinco. Já não se trata de interferência no campo lavrado por outra igreja, com fins proselitistas. Trata-se de penetrar com a palavra aquêlo deserto hediondo (e deserto, no N. Testamento, é o lugar dos demônios) que se alastra mais e mais em tôdas as áreas em que já não se pode falar de uma presença real da igreja católica. Pelo que pude constatar recentemente, os umbandistas passaram a dispensar o batismo de seus filhos na igreja católica, e mesmo em áreas do catolicismo popular onde o batismo é formalmente mantido, o deserto freqüentemente não é menos assustador. Os míseros substitutivos que uma sociedade de consumo se põe a oferecer, não enganam ninguém: atrás da fachada cromada há a realidade de uma vida estéril. Essa é a realidade que aquêlo ufanismo do passado não mais consegue encobrir (“Brasil — maior nação católica”). Teólogos católicos que vêem a situação de forma objetiva, mesmo que não o proclamem de público, são gratos por um trabalho cristão, não sectário, que enfrenta os movimentos sincretistas e os milhões que silenciosamente e espontâneamente “se excomungam a si mesmos”, nadando na onda da secularização. Nós esperamos por uma renovação da igreja católica. Não aguardamos por uma retirada do padre para oferecermos os préstimos do pastor. Mas deve ficar claro que a nossa responsabilidade não termina com a filiação eclesiástica dos membros da IECLB. Cito um caso em que o estabelecimento de uma “interferência” espiritual me parece especialmente promissora e autêntica: Um membro fiel de uma comunidade católica participa regularmente de estudos bíblicos, junto com irmãos evangélicos, servindo-se desta ajuda fraternal em seu serviço de orientação de leigos católicos. Por que não poderemos pensar em devolver à igreja, da qual nos originamos, ao menos parte daquilo que Lutero, apesar de tudo, trouxe de herança (a Bíblia, como livro vivo, por exemplo)? É evidente que êste tipo de missão não deveria permanecer uma estrada de mão única. Onde houver água, será fácil estabelecer vasos comunicantes. Os sinais erigidos por ora são modestos. O que nos felicita é que nestes sinais a ecumene de Cristo começa a manifestar-se, espontânea e autêntica. Julgo que sejam mais promissores do que o “ecumenismo de cúpula”, inspirado no ideal de aproximar as igrejas por seus representantes “oficiais”, sem que haja um intercâmbio real no nível dos membros.

Tenho a certeza de que ainda em nossa geração a procura do sal que salga e da luz que clareia tornará permeáveis os cercados e redes eclesiásticas. Assim um despertamento missionário que não tenha caráter local e esporádico, mas que se faça sentir em todo o organismo da IECLB, poderá ter uma importância que agora talvez mal consigamos avaliar.

(A última parte desta "meditação" será publicada em um dos próximos números de ESTUDOS TEOLÓGICOS).